

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – CÂMPUS URUAÇU
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MICHELLE GUSMÃO OLIVEIRA

**DOCUMENTÁRIO: O RAP DO PEQUENO PRINCIPE CONTRA AS ALMAS
SEBOSAS: VIOLÊNCIA URBANA REFLEXO SOCIAL EXPLORATÓRIO CONTRA
O NEGRO EM CAMARAGIBE-PE (2000).**

URUAÇU, DEZEMBRO DE 2018

MICHELLE GUSMÃO OLIVEIRA

***DOCUMENTÁRIO: O RAP DO PEQUENO PRINCIPE CONTRA AS ALMAS
SEBOSAS: VIOLENCIA URBANA REFLEXO SOCIAL EXPLORATÓRIO CONTRA
O NEGRO EM CAMARAGIBE-PE (2000).***

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Uruaçu, como requisito parcial avaliativo para obtenção do Grau de Licenciada em História. Sob a orientação do Prof. **Me.** Neilson Mendes.

URUAÇU– GO.

2018

OLIVEIRA, Michelle Gusmão.

DOCUMENTÁRIO: O RAP DO PEQUENO PRINCIPE CONTRA AS ALMAS SEBOSAS: VIOLÊNCIA URBANA REFLEXO SOCIAL EXPLORATÓRIO CONTRA O NEGRO EM CAMARAGIBE-PE (2000). / Michelle Gusmão Oliveira. – Uruaçu – GO, 2018.

-- f.; -- cm.

Orientador: Me. Neilson Mendes.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Uruaçu, Departamento de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura Plena em História, 2018.

MICHELLE GUSMÃO OLIVEIRA

***DOCUMENTÁRIO: O RAP DO PEQUENO PRINCIPE CONTRA AS ALMAS
SEBOSAS:***

**VIOLÊNCIA URBANA REFLEXO SOCIAL EXPLORATÓRIO CONTRA O NEGRO
EM CAMARAGIBE-PE (2000).**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Uruaçu como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em História, aprovada em 13 de dezembro de 2018, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. | Me. Neilson Mendes

Universidade Estadual de Goiás - UEG
Presidente da Banca

Prof. Dr. José Atanásio de Souza Filho

Universidade Estadual de Goiás – UEG
Avaliador(a)

Prof. Ma. Aline Do Carmo Costa Barbosa

Universidade Estadual de Goiás – UEG
Avaliador(a)

Dedico este trabalho principalmente a Deus, somente Ele é digno de minha adoração.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Me. Neilson Mendes pelo constante apoio, incentivo, dedicação e amizade essenciais para o desenvolvimento deste trabalho como pesquisadora. Aos todos meus professores da academia que colaboram imensamente para meu desenvolvimento acadêmico, em especial, ao professor Dr. Edmilson Marques que confiou em mim quando convidou-me para participar como bolsista no meu primeiro ano de curso na instituição, ao professor Dr. José Atanásio de Souza Filho pelo o incentivo e considerações para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas de turma pelo incentivo, principalmente, a Ana Paula Oiveira, Nayara Vinhal, Uédra Xavier pelo constante apoio suas amizade sinceras.

A todos da minha família, sei que se fosse para citar os nomes de todos e declarar o meu amor e afeto, faltariam páginas, agradeço em especial a minha mãe Santa Gusmão por ter pegado em minha mão e apoiado-me em tudo, principalmente para a conclusão deste trabalho, ao meu filho pedacinho de ternura pela compreensão, amor e carinho, aos meus irmãos Igor Gusmão, Dayane Gusmão e Any Caroline Gusmão pelo incentivo.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo discutir sobre violência urbana no Documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra As Almas Sebosas” na cidade de Camaragibe-PE nos anos 2000. Trataremos o que é documentário, quais são suas especificidades, como o documentário pesquisado se configura de acordo com os autores que abordam o tema, explanamos a descrição da fonte. Discutimos a relação da violência urbana com a segregação racial, para tanto, abordamos as teorias raciais que legitimavam a não integração do negro na sociedade após abolição e qual a relação desta abolição “mal acabada” com a violência ocorrida em Camaragibe nos meados da década de 1990.

Palavras-chave: Documentário, Abolição, Violência.

ABSTRACT

This monograph aims to discuss urban violence in the Documentary "The Rap of the Little Prince Against the Sebosas Souls" in the city of Camaragibe-PE in the years 2000. We will treat what is documentary, what are its specificities, as the documentary researched is configured. According to the authors who approach the subject, we explain the description of the source. We discuss the relationship between urban violence and racial segregation. We have therefore addressed the racial theories that legitimized the non-integration of the black in society after abolition and what is the relation of this abolition "badly finished" with the violence that occurred in Camaragibe in the middle of the decade of nineteen ninety.

Keywords: Documentary, Abolition, Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS ESPECIFICIDADES DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO	12
1.1 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO O RAP DO PEQUENO PRÍNCIPE: CONTRA AS ALMAS SEBOSAS	16
2 O NEGRO APÓS A ABOLIÇÃO DE 1888	25
2.1 A CONDIÇÃO DE VIDA PÓS - ABOLIÇÃO	28
3 A SEGREGAÇÃO RACIAL EM CAMARAGIBE-PN/1990-2000	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O interesse de pesquisar sobre a violência urbana vem desde minha infância quando olhava os bairros periféricos de minha cidade natal Uruaçu-Goiás, ouvia e observava manchetes de um programa de Rádio e ficava um tanto quanto intrigada com as diversas formas de violências que o mesmo abordava, porém, o mesmo veículo de transmissão nunca emitia uma breve nota dizendo quais as causas que motivavam tais indivíduos ditos como “Criminosos” a praticarem as transgressões da lei.

É estranho pensar, a grande dicotomia que as mídias divulgam sobre violência urbana e o que ocorre na vida aqueles que sofrem na pele a exploração e dominação do sistema do capital. Foi quando num dia comum estava lendo sobre algum assunto de uma disciplina da universidade, e ouvi algo que me chamou a atenção era as entrevistas que contém no documentário o Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas, parei para analisar e constatei o que muitas vezes passavam despercebido nos jornais, sobre a realidade do subúrbio e os fatores que levam os negros a ingressarem no crime.

O Documentário foi produzido no ano de 2000 sob direção de Paulo Caldas e Marcelo Luna, as gravações foram feitas na cidade de Camaragibe e Recife no estado de Pernambuco. A mensagem que o gênero audiovisual transmite é de representação do real sem retoques ou até mesmo encenação, é uma tentativa de mostrar para todos a periferia e os indivíduos que lá residiram sem mistificar e até mesmo condenar. Para isto já basta os jornais e mídias e muitos outros que já fazem o julgamento com grande êxito. Ao total são doze (12) depoimentos constando o do Hélio José Muniz Filho acusado de matar quarenta e quatro (44) pessoas, com a justificativa de todos estes serem almas sebosas (indivíduos que roubavam, matavam, traficava e usava drogas e que tinham tatuagens).

Helinho cometia os homicídios, de acordo como seu depoimento no documentário com o intuito de limpar a periferia das sujeiras que destroem os direitos dos homens como ir e vir em segurança sem ser assaltado. Segundo Laura Jullyana Noia Bezerra (2012) os anos de 1991-2000 foi um período de altas taxas de homicídios em Pernambuco, este quadro de alta mortalidade por homicídios, proponho *pesquisar qual a relação da segregação racial com estes índices elevados de óbitos de jovens negros entre 19 a 31 anos?* É que a não integração do negro na sociedade, faz que os mesmos busquem diversas maneiras de sobreviver, seja, na prostituição, tráfico de drogas, assaltos e conseqüentemente estas tentativas de sobreviver é uma ação arriscada que ocasionam a morte dos mesmos em plena juventude.

Buscarei basear esta pesquisa nos pressupostos teórico-metodológicos do método dialético. A importância deste método está no fato de considerar os fenômenos sociais como frutos de um processo histórico, produtos da ação humana, os quais os criam para satisfazer suas necessidades. Esta concepção de Marx nos dará os subsídios suficientes para observar o documentário, enquanto um fenômeno social, também é portador de características próprias; elas surgem em um determinado período histórico e tem sofrido modificações com o tempo.

É Muito importante salientar que o documentário é uma das minhas fontes, como também faz parte do meu tema, no entanto percebi que as notícias relacionadas ao gênero audiovisual se mostram confusa em afirmar que o documentário é um filme, no entanto, ambos são diferentes e possuem especificidades distintas, para que a fonte escolhida seja bem esclarecida irei abordar no I Capítulo as especificidades do gênero audiovisual documentário e também traz a descrição do documentário pesquisado.

O II Capítulo tratará do período de após abolição as teorias raciais que justificavam o abandono e a não integração e condição de vida do negro na sociedade brasileira, e a valorização dos imigrantes como salvação para o país.

E por fim o III Capítulo refere-se na reflexão do dado exposto no documentário que a cidade de Camaragibe foi considerada três anos consecutivos, como quarta pior local no mundo para se viver, fazendo uma relação com a segregação racial.

Para tanto, utilizei alguns autores como referência como Frank Fanon e Florestan Fernandes que refletiu sobre as sociedades colonizadas e o reflexo deste sistema contra o negro usado como mão de obra escravizada no Brasil. Outros autores são usados como referência é Bill Nichols e Fernão Pessoa Ramos tratam sobre o que são documentários e suas especificidades. Utilizei o site de notícias Terra, músicas como “Alma Sebosa” da Banda Faces do Subúrbio, “Imagine” de John Lennon. E também dados da caracterização da cidade de Camaragibe pela instituição FIOCRUZ uma fundação de pesquisa da saúde pública.

CAPÍTULO I AS ESPECIFICIDADES DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO.

A presente pesquisa tem como objetivo abordar as características do gênero audiovisual documentário. É fato que muito se utiliza este gênero em escolas e universidades, porém, poucos detêm o conhecimento sobre as suas principais especificidades. Neste sentido, este texto se justifica no sentido de clarear algumas dúvidas sobre o tema. Este primeiro capítulo trabalho está dividido em duas fases: a primeira tratará sobre o que é um documentário e quais são as suas características e especificidades. Já a segunda parte é uma análise sobre o documentário a “ O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas ”, e faremos isto tomando como base de estudo as principais teorias sobre o assunto.

Fernão Pessoa Ramos contribuiu bastante para tratar deste assunto, em suas obras em especial “Mas Afinal... O Que É Mesmo Documentário?”. Para se pensar no gênero audiovisual documentário, o autor define o que é este gênero da seguinte maneira:

Dentro deste eixo comum, podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhada muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoas. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como narrativa sobre asserção sobre o mundo (RAMOS, 2008, p. 22).

Fernão Pessoa Ramos define o documentário como asserções, não a verdade dos acontecimentos, mas como uma forma de olhar sobre tais acontecimentos com uma narrativa própria. Segundo Ramos (2008) uma das narrativas é a voz *over*¹, que a partir de 1960, com o desenvolvimento de diversos aparelhos tecnológicos portáteis, vai perdendo força e destaque.

A voz do saber, em sua forma, perde a exclusividade da modalidade *over*. Ainda temos a voz *over*, mas os enunciados assertivos são os assumidos por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). O documentário, portanto, se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si. (RAMOS, 2008, p. 24).

O documentário é uma forma de expressão, em que uma história pode ser contada as vezes por representação ou até mesmo por aqueles que viveram tal história. Não é apenas uma

¹ É a voz que tudo sabe nos documentários apresentando informações, elementos e etc.

forma de contar, mas uma maneira de contar como alguns acontecimentos marcaram a sociedade ou grupos, é o como estes refletem na sociedade contemporânea. Ora, segundo Bill Nichols (2012), alguns tipos de documentário foram usados em 1920 de forma didática para fomentar o nacionalismo e o patriotismo, um bom exemplo é a série “Por que Lutamos”. Este documentário era intensamente expositivo e persuasivo que incitava os jovens norte-americanos a lutarem em guerras com o sentimento de gratidão e amor à pátria.

Segundo Bill Nichols (2012) cada documentário tem seu tipo de voz, e cada voz é como uma marca digital de determinada forma de ver o mundo histórico. O autor enfatiza seis tipos de vozes do gênero audiovisual documentário, sendo eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e o performático.

Modo poético: enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal. Exemplos: A ponte (1928), Song of Cleylon (1934), Listen to Britain (1941), Nuit et brouillard (1955), Koyanisqatsi (1983). Esse modo é muito próximo do cinema experimental, pessoal ou de vanguarda. (NICHOLS, 2012, p. 62).

O documentário poético recebe influência da vanguarda². Este modo de voz extraia a matéria-prima do contexto histórico, porém, a abordava sob uma nova visão. A fotogenia é um elemento do documentário poético, que advém de um intuito de usar detalhes fragmentados de uma imagem cinematográfica em ritmo encantador, e a música entra neste elemento com a finalidade de cativar. Nichols (2012) esclarece que este elemento não é para entreter. O entretenimento fica reservado para os filmes de ficção. O documentário trata de fatos históricos a ser contados em diversas digitais humanas. Outro tipo de documentário é o expositivo.

Modo expositivo: enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa. Exemplos: The Plow Broke The Plains, Trance and Dance in Bali (1952), A Terra Espanhola (1937), Os Loucos Senhores (1955), noticiários da televisão. Esse é o modo que a maioria das pessoas identifica com o documentário geral. (NICHOLS, 2012, p. 62).

O documentário expositivo, segundo Bill (2012), é o modo ideal para transmitir informações. Através deste modo de narrativa passa-se a expor para a sociedade ideologias sobre determinadas questões sociais. A voz Over tem um destaque significativo na exposição de ideias. John Grierson contribuiu bastante neste modo de voz documentário. Por meio dele foi que se conseguiram importantes investimentos do governo britânico. A finalidade do

² Vanguarda foi um movimento ocorrido na Europa e mais especificamente na Rússia na década de 20, cujo principal foco era a liberdade de ver determinadas coisas de uma nova forma, ou seja, era inovadora e não buscava a reprodução de perspectivas tradicionalistas.

documentário era criar um sentimento de nacionalidade na população. Portanto, o plano do programa político do estado britânico estava entrelaçado ao documentário de maneira didática a todos na década de 1920. Vejamos agora o modo observativo de documentário.

Modo observativo: enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta. Exemplos: *A Escola* (1968), *Salesman* (1969), *Primárias* (1960), a série *Netsilik Eskimos* (1967-1968), *Soldier Girls* (1980) (NICHOLS, 2012, p. 62).

O documentário observativo, inicia-se nos anos 60, com o surgimento de novas tecnologias de gravação audiovisual. É assinalado pela posição do cineasta de ficar a observar. Tanto no modo poético quanto no expositivo o cineasta tem a possibilidade de intervir com comentários e até mesmo com encenação³. No modo observativo o cineasta somente observa os acontecimentos em seu transcorrer, por consequência este tipo de voz nos propicia saber qual o tempo real de cada fato histórico. O quarto tipo de documentário é o participativo.

Modo participativo: enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto. Frequentemente, une-se a imagem de arquivo para examinar questões históricas. Exemplos: *Crônica de um verão* (1960), *Solovetsky vlast* (1988), *Shoah* (1985), *Le chagrin et la pitié* (1970), *Kurt e Courtney* (1998). (NICHOLS, 2012, p. 62-63).

O documentário participativo emerge nos anos 1960, cujo próprio nome já diz, este documentário conta com a participação do cineasta. Ele participará do documentário de maneira que obtenha experiência de estar em determinado acontecimento, de tal forma que leva o espectador a manter uma percepção da experiência do próprio cineasta. Um dos pontos que Nichols (2012) destaca neste tipo de documentário corre o risco da participação extrapolar os limites e ser evasivo demais, além do perigo que a história pode ficar contada de maneira muito ingênua.

Modo reflexivo: chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário: Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme. Exemplos: *O Homem da Câmera* (1929), *Terra Sem Pão* (1932). (NICHOLS, 2012, p. 63).

³ Segundo o autor Fernão Pessoa Ramos a encenação está ligada na ação, o sujeito e a exibição. O indivíduo na presença da câmera para mostrar-se ao outro, planeja anteceder sua ação para quem o vê.

O documentário reflexivo é característico dos anos de 1980. Traz o realismo social na área psicológica e emocional para usar de técnicas como a montagem em evidência⁴ para causar o efeito de consciência, até de tencionar questionamentos do que está sendo proposto no documentário. Nesta forma de documentário consegue-se fazer suposições de uma perspectiva da realidade social. Um exemplo sobre isto é o documentário “Sobrenome Viet Nome de Batismo Nam (1989)”, que se trata de uma forma de conhecer como as coisas ocorreram, mas leva-nos a refletir sobre as próprias coisas que estão à nossa volta. Nichols (2012) cita ainda o modo performático de documentário.

Modo performático: enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita a ideia de objetividade em favor de evocações e afetos. Exemplos: Diário Inconcluso (1983), História e Memória (1991). [...] Todos os filmes desse modo compartilham características com filmes experimentais, pessoais e de vanguarda, mas com uma ênfase vigorosa no impacto emocional e social sobre o público (NICHOLS, 2012, p. 63).

O documentário performático tratará de questões da subjetividade social depois da Segunda Guerra Mundial. O florescer deste tipo de documentário tem por intenção a forma libertadora de abordar temas mal representados como o da minoria social, homossexualidade, mulheres negras e etc. Notamos que este tipo de documentário aproxima-se com a tendência do documentário de vanguarda, no sentido de se ter liberdade em sua produção, ver de uma nova forma sem preconceitos. Mostra claramente o lado da classe dominante e da classe oprimida e sobre ideologias que a classe privilegiada estimula passar sobre determinadas questões sociais que propicia representações distorcidas sobre a realidade em que vivemos.

Cristina Teixeira Viera de Melo, em seu trabalho “O Documentário como Gênero Audiovisual”, analisa a aproximação do documentário com o gênero jornalístico e suas diferenças enquanto gênero audiovisual. Sabemos que os dois gêneros têm como objeto o aspecto real de um acontecimento. A questão é que o jornalismo busca a objetividade e a informação e isto pode tornar a trama, do documentário, cansativo. A autora sugere que se use a posição da câmera no que ela chama *Stand-Up*, significa que, o repórter se coloca à frente da câmera tendo ao fundo o local do acontecimento. Para Melo (2002) o documentário busca a interpretação, o sujeito conta a história e as imagens são elaboradas e sofisticadas com o *In loco*

⁴ Nichols considera a montagem em evidência não sendo como uma montagem de filme, onde articula para o que é obvio na cena de um filme, entretanto a montagem em evidência se efetua em tempo e espaço como os fatos ocorridos se ligam a cada argumento unificando de maneira temporal e espacial.

Contemporâneo⁵, *In loco* (Re) construção⁶ e *In loco* Referencial Evolutivo⁷. Já o registro disto no filme fica a critério do diretor.

Diante de diversas formas de ver o mundo, concluímos esta primeira parte do texto enfatizando que esta forma de ver e representar o que se é vivido e passado em nossa história, está ligada como uma via de mão dupla a respeito dos principais fatos históricos, tendo *a priori* aqueles que foram engajados e buscaram por mudanças, no sentido de alterar o modo de ver e expressar tentativas de fugir do tradicional para inovar. De outro lado, observa-se o uso do documentário sem a preocupação de apenas analisar como uma classe impõe seus interesses, mas busca novas maneiras de ver o mundo, através das novas tecnologias, de possibilitar que os fatos falem por si.

1. 1 Descrição do Documentário O Rap do Pequeno Príncipe: Contra as Almas Sebosas.

Para iniciar esta análise é preciso entender um pouco mais de como analisar um documentário. Segundo Bill Nichols (2012) o primeiro passo nada mais é que assistir o próprio documentário. Segundo ele, a assistência deve ser realizada várias vezes, para enfim tomar notas do que é a sua essência. É preciso também tomar notas das partes que o assistente achar que sejam fundamentais sobre o tema abordado, o que vai possibilitar assim analisar e fazer uma crítica plausível de ser debatida.

Tomar notas é uma tarefa seletiva. Só conseguimos nos dedicar a alguns aspectos do filme. Podemos escolher alguns aspectos do filme. Podemos escolher focar o estilo da câmera ou a montagem poética, a presença do cineasta ou o desenvolvimento dos atores em tudo ao mesmo tempo. As notas proporcionam o registro de algumas de nossas preocupações e interesses (NICHOLS, 2012, p. 212).

A assistência de um documentário por mais de uma vez propicia ao analisador certa consciência sobre o que se vê. Com isto o assistente pode ser mais rigoroso, ou seja, pautar sua análise por uma racionalização maior sobre o contexto histórico, a intenção do cineasta ao produzir tal documentário, os efeitos cinematográficos usados e ainda possibilita fazer críticas e indagações do que foi produzido.

⁵ *In loco* contemporâneo tratar-se de um documentário produzido em tempo e espaço presente se tem uma ideia do instante agora.

⁶ *In loco* de (re) construção é uma maneira de se falar de algo do passado, porém no tempo presente, por meio de ambientação do local do fato, por meio de cenários e etc.

⁷ Melo deixa bem claro que neste caso se faz referência ao passado no tempo presente, mas sem pretensão de modificar o ambiente, volta-se para o local do fato histórico e faz as imagens, como um fluir da história passada.

O documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas” é de dupla direção de Paulo Caldas e Marcelo Luna, lançado nos anos 2000, ambos diretores tiveram como busca central mostrar a periferia como ela é, para tanto, os mesmos tiveram um duplo trabalho fizeram gravações, tanto em Recife, como em Camaragibe. Ao total foram utilizados doze (12) depoimentos constando o do Hélio José Muniz Filho acusado de matar quarenta e quatro (44) pessoas, com a justificativa de todos estes serem almas sebosas (indivíduos que roubavam, matavam, traficava e usava drogas e que tinham tatuagens).

A primeira cena que o telespectador se depara no Documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas” é de um homem negro de aproximadamente vinte e cinco (25) a trinta (30) anos, cabelo black power, sem camisa, apenas vestido com uma calça de algodão, pés descalços e sujos, rastejando na rua repleta de pessoas que andavam rapidamente quase esmagando o homem ao chão, sua respiração estava ofegante, no entanto, não parava de rastejar mesmo quando alguns indivíduos ousavam olhar para ele com um olhar dessecador, o homem negro parecia ter um foco e continuava sua trajetória.

Em câmera lenta surgem cenas de alguns comércios decorado com Arte de Grafite em suas portas o nome do documentário, em seguida, pessoas andando no centro de Recife, destaca o foco na construção monumental do prédio do Palácio da Justiça de Pernambuco.

Em contra ponto surge um homem por volta de dezenove (19) a vinte e quatro (24) anos de costas para a câmera correndo em uma favela, com iluminação precária, ruas não asfaltadas, o mesmo cruzava os quintais de chão batido de casas improvisadas mal construídas, pulando degraus de montões de terra, passando por poças de lama, ao mesmo tempo ouve-se o barulho de criança chorando, galinhas e cachorros alvoroçados e também de sirenes, enquanto o jovem continuava sua fuga.

De repente a cena muda da favela se faz algumas filmagens que mostram uma área da cidade planejada com construções de edifícios e principalmente se pode perceber a presença de iluminação pública. Cenas que retratam as dicotômicas visível entre favela e centro-urbano.

Logo em seguida aparece um jovem atrás da grades de uma cadeia, usando camisa de cor mesclada verde escuro com verde água, bermuda jeans, colar de prata com amuleto, lábios grandes, pele negra, cabelo crespo, porém, com corte curto e com semblante triste dizendo:

Meu nome é Hélio José Muniz vinte e um (21) anos, o nome da minha família da minha mãe é Maria José Muniz , o nome do meu pai é Hélio José Muniz, meus irmãos [...] cinco (05) homens e cinco (05) mulheres é dez (10) irmãos.

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

A tomada muda para um local com instrumentos de percussão e bateria um homem sem camisa sentado em frente a bateria prestes a toca-la, no entanto, há uma mudança de tomada para uma sala de aula com muitas mesas e cadeiras vazias e um homem negro de óculos redondo de grau, cabelo crespo, lábios volumosos, de bigode, pincos (sobrancelha, boca e orelha), trajando camisa preta se apresenta como:

José Alexandre Santos de Oliveira, tenho vinte e sete anos (27), sou filho de João Francisco de Oliveira, Maria José Santos de Oliveira, sou casado com Fabiola Cristina de Oliveira sou pai de Luís Vinicius Lima de Oliveira, Tiago Felipe de Oliveira. Meus irmãos é André Luís de Oliveira, Jose Alessandro de Santos de Oliveira, Ane Emanuelle, e Assis Aurélio. Eu sou Baterista da banda “Faces do Subúrbio”, nascido e criado em Camaragibe. Eu tinha vindo de do centro de Recife, tinha ido comprar a roupinha de natal né, de ano novo e cinco e meia da tarde (05:30 pm) e fui atravessar a ponte chamado Balde um lugar esquisito pá carai, sinistro, quando cheguei em uma das cabiceiras tinha um boy André Coveiro no meio da ponte tava o Van Ray e os dois eram Brothers meu, conhecido trocava ideia e bebi a onde eu tocava sempre colocava uma birita pros caras tomar e só os caras me consideraram passei na boa, só que, mas a frente chego um cara chamado Paulistano e boto o cano encima de mim, mando eu tirar a bermuda e fiquei só de cueca e levou minha grana eu tinha cento e vinte conto (120,00 reais) que era pá mim mandar pro meu pirralho , pro meu primeiro guri (Luís Felipe Lima de Oliveira), e fiquei de cueca assim. Voltei pra casa desesperado, passou-se uns meses eu acho que Helinho já vinha, o cara já tinha aprontando com Helinho também nesta parada se não me engana tinha tirado o cunhado dele, tinha feito uma treta com ele, e cumeu o cara de coco na micareta mandou o cara rezar o pai nosso, o cara quando disse segure ai o cara na cabeça pah! O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Garnizé relata como conheceu Helinho, apenas de ouvir dizer, que Helinho era um jovem de baixa renda, que acabou envolvendo com um grupo de pessoas que matavam, indivíduos que eram taxados como alma sebosas.

Conhecia só de fama só ele é um cara que saiu de um bairro também de baixa renda lugar precário pra caramba chamado Detran, tinha feito umas tretas lá tinha feito uma limpeza e foi morar lá em Camaragibe e se envolveu com uma galera lá que começou a detonar uma raça podre que tinha lá. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Logo em seguida aparece no documentário uma mulher negra de costas para a câmera seus cabelos são curtos de cor preta, camiseta branca, assistindo atentamente na televisão Helinho relatando como foi o seu primeiro assassinato. A câmera foca na boca da mulher percebe-se a ética de preservação da identidade, pois a mesma, é a mãe de Helinho que descreve um acontecimento:

Ele se levantou-se eu vou atender, e eu deitada disse eu vou atender e foi, ele se levantou-se e eu disse menino não vai não, ele disse “ eu vou aqui na frente”, ai ele atendeu o colega e eu deitada só vi a voz, mas, não reconheci quem foi ai ele atendeu o colega, ele entra veste camisa e sai e eu pelo amor de Deus vem-te embora pra cá, e ele “não vou aqui” e foi-se embora. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Helinho conta como sua mãe ficou sabendo da possibilidade de seu filho ser um homicida:

— No início minha mãe ficou... Mãe é mãe, mãe conhece quando filho tem alguma coisa e ela ... Como se diz muita gente tava dizendo muita coisa de mim, mas, so que ela não aguentava, ela via nada, e eu não demonstrava nada que eu fazia minhas coisas na rua e não tava demonstrando em casa. Ai cheguei em casa muito assustado peguei dei o revolve e coloquei debaixo do trabisero e fui dormi.

— Eu olhei era 03:00 horas da manhã e eu falei ainda com ele isto é hora de chegar! Do jeito que tá aqui os outros estão matando gente por ai a fora e ele disse “ Não eu tava aqui na esquina”.

— Ai foi quando comentário mataram o Boca Nor, mataram o Boca Nor, ai eu fiquei pensando oxi será que ele morreu? Todo mundo tão dizendo que ele morreu! Eu vou lá olhar.

— E fui indo pro trabalho ai eu vi lá um cadáver lá.

— Ai foi quando se estourou sem querer eu contei à umas pessoas que não devia ter contado e pá mim eu contando eu ia desabafar , mas, não devia ter contado ai as pessoas já começou a contar pra outra se foi contar pá outras e sem querer bateu nas bocas dos caras ai já começou uma guerra os caras querendo me matar, e eu querendo matar eles, ai foi quando eu comecei matei um (01), mate outro, e fui-me embora e minha mãe aperreada meu nome saia no rádio direto “- Chefe de quadrilha, briga de quadrilha, morre dois (02) deixa um (01) e começou sair estas coisas no rádio. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Mudança de tomada cena de um homem dirigindo uma Kombi com o som automotivo ligado, ouvindo o programa de Rádio A Vida Como Ela É, Cardino o homem da verdade: “— Um jovem foi fuzilado no quintal de uma casa”. Há uma transposição de cena para uma casa simples, com o rádio ligado na janela da casa, uma senhora segurando um bebê de colo ao lado do rádio, várias pessoas sentadas ao fundo da cena jogando truco e as crianças ao redor observando. Muda novamente a cena para outra casa, os integrantes da banda Faces do Subúrbio assentados na calçada a frente da casa ao redor de um rádio escutando a programação: “— Conteúdo do rádio este rapaz de mais ao menos vinte e cinco (25) anos é conhecido por Niltinho é morador da Santa Paz atirou sem piedade. Quem não crítica rasteja”.

Modificação de cena para um local objeto (chaves de carro, telefone, óculos, caneta preta e alguns papeis) por cima de uma mesa, a caneta está a mãos de alguém que em câmera lenta vai subindo das mãos ao rosto do senhor, que se apresenta-se como:

— João Veiga Filho, sou delegado especial de Polícia da capital (Recife), á uma transposição rápida de tomada para o rosto de Helinho atrás da grandes da

penitenciária. As informações que eu tenho certo é que ele praticou quarenta e quatro (44) homicídios, declarou a imprensa local, escrita, falada e televisada certo!

Helinho: —Neste mundo agente tem que tirar para não morrer esse eu não tivesse tirado a vida de muita gente, muita gente safada, muita gente inocente tinha morrido.

Garnizé:— Cara eu acho que tem o direito de tirar a vida de ninguém, só que poh o cara pensar, em sair de casa bicho de manhã cedo e trampa, passar o mês todinho ralando pá no final do mês ganha 130,00 conto chegar um filho da puta. Mete o cano em cima de tú e toma tua... teu sapato, toma tua grana e arrambar teu barraco é. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Muda a tomada para o interior do Palácio Judiciário tendo um homem assentado em uma cadeira trajado de terno cor cinza, gravata preta, usando óculos e cabelos de cor castanha liso. Ele diz:

Nossa constituição diz que todos são iguais perante a lei independente de sexo, raça, cor e etc. É verdade que o nosso país é um país grande e rico, mas, é infelizmente nem sempre os recursos são bem aproveitados por conta disto agente tem problema social grande, a gente vê pobreza, a gente vê favela, acredito que 80 à 90% da nossa população é de uma classe menos favorecida, e que por conta disto por si só pela falta de acesso a informação já tem também uma falta de acesso a justiça. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Quando o advogado fala a palavra justiça imediatamente a uma transposição de cena para a sala principal de julgamento do Palácio da Justiça de Recife. O advogado continua sua fala:

Por que se a pessoa não tem conhecimento dos seus direitos como vai procurar? Procurar uma coisa que não sabe que tem. Meu nome é Eduardo Trindade eu tenho vinte e seis (26) anos, sou advogado criminalista, sou formado a dois (02) e meio. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Ainda sobre direitos sociais há uma cena reveladora em que um senhor comerciante e sua esposa ao foram numa viagem a uma cidade próxima a Recife, eles foram abordados por polícias militares, que não respeitaram a esposa do comerciante e a agrediu, toda a história foi relatada no programa de rádio Cardino.

Locutor radialista:— Quem puxou a senhora pelo o cabelo?

Senhor responde:—Há foi um policial lá.

Radialista:— Foi policial civil ou militar? Taca fardado ou à paisana? E lhe pelas costas puxou o cabelo

A senhora que sofreu a agressão responde:— Tava fardado, ele falou assim fica em pé agora mermo (a mulher se levanta da cadeira para simular o acontecido).

Radialista:— Não fique aqui na cadeira ela já ia levantar pera ai, pera ai, pra falar no microfone.

Senhora diz:— Ele disse assim ela vai sofrer e você também vai sofrer.

Radialista:— Oh pai oh.

Mulher:—É eu vou apanhar aqui, mas Zé Antônio vai saber disto o seu Zé Antônio vai saber disso.

Radialista:— Você viu a hora de levar foi pau?!
Pessoal da rádio liga para o delegado e radialista fez uma pergunta ao mesmo:
Delegado Zé Antônio?
Delegado:— Fala Cardino.
Radialista:— Que desgraça?
Delegado:—Exatamente.
Radialista:— Este acho que vai para a corregedoria?
Delegado:— Eu acredito que...
Radialista:— Não é não tem pra onde correr não! o pessoal lá da delegacia pode começar a não dormir viu oh (bate na mesa) pessoal durma com uma bronca desta Tá bom, vai tudo pra corregedoria este negociem de pegar e ficar pra baixo e pra cima, pegar o cabelo da mulher e puxar o cabelo da mulher que isto? Que conversa é fiada isto é jeito de polícia trabalhar rapaz? Sabe o que é isto delegado?
Delegado:—Ham?
Radialista:— Sabe o que é isto delegado? É por que se fosse o senhor e não tivesse com sua carteira de delegado e de vereador o senhor ia em cana também...
Delegado interrompe:— Contrário.
Radialista:— É por que o senhor é preto e ele é preto, isto é racismo é por que o homem é preto que parar, quando isto vai acabar no Brasil?
O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Modificação de cena para local aberto de chão batido, surge um homem de sandálias de dedos, bermuda, camiseta cinza, encapuzado com um pano que cobre sua face apenas o olho fica de fora, logo em seguida aparece outros homens também encapuzados. O grupo que Helinho participava, demonstra em sua fala, o que são almas sebosas e qual o problema de matar estes homens considerados almas sebosas.

O que nos faz, nos faz limpar a cidade é tirar as almas sebosas, ladrão, é assaltante, safado, traficante. Muda a tomada para cena de um homem batendo em outro na televisão. — Televisão eu não gosto de televisão não, não gosto, televisão não é comigo não. Outro homem do grupo diz: — Eu tenho é dote eu me inspiro na televisão. Eu vejo assim como humilhação meu irmão aquele Steven Segall eu me amarro naqueles dois, aquele cara ali é foda é demais, o que eu vejo eu quero fazer né meu irmão, mas, eu sei que ele é mocinho nunca morre né, mas, eu morro né! Olha se agente morrer nasce outros o problema e este nunca se acaba, a mesma coisa é você, você mata uma alma sebosa, amanhã tem dois, três no mesmo lugar sempre tem é uma batalha grande. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Helinho diz que na favela matar um único homem e como suscitar uma vingança, haverá sempre alguém querendo vingar a morte da pessoa querida. Logo em seguida, Helinho conta como recebeu o apelido de pequeno príncipe, mesmo sendo, um matador, ele era querido, considerado justiceiro, e até mesmo venerado na comunidade em que morava.

A malandragem sempre começa com um, mas, termina com dez (10) e se matar um tem que matar todos, porque se matar um ou dois, junta dois três que tá vivo começa conhecer outros piores, aí já faz outro grupo, aí já quer vingar a morte daquele de morreu. Fui chamado de pequeno príncipe porque comecei a trabalhar no pagode do Estância no pagode que tinha lá no bairro novo ali de frente o PPO, eu trabalhava de

segurança isso ai tornou por que foi que botaram esse apelido em mi, por que todo mundo gostava de mim.

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Delegado fala a respeito este abaixo assinado, que os moradores da comunidade fizeram para libertar Helinho da prisão, alegando que o jovem era de bem, e que quando ele estava solto os casos de roubos e assaltos diminuíram.

Eu acho isto um contra senso, até porque, às pessoas que manifestarem em favor de uma pessoa que se diz justiceiro, não sou eu que estou afirmando certo, e sub- escrever um abaixo assinado dando no caso como você a pergunta dando razão que era uma pessoa de bem, uma pessoa séria, você acha que um ser humano que comete uma gama de homicídios desta quantidade ele é uma pessoa de bem? Nós não estamos vivendo na época de lampião nem de Antônio Silvino.

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Garnizé relata como é a comunidade em que Helinho morava era um local sem empregos, cidade que as pessoas iriam apenas para dormir, os moradores eram lutadores, em vencer a pobreza, criaram pontos e vendas em frente de suas casas, na expectativa de ganhar algum dinheiro. Camaragibe não tinha locais apropriados para lazer a diversão era também improvisada. As casas pequenas em cima do moro, esgoto correndo a céu aberto.

Póh bicho aparentemente a gente pensa que Camaragibe é uma cidade pacata do caralho e é aquela coisa né feito a gente pode comprovar a gente chega lá e vê a população nos bancos é assim lá bicho. É uma cidade dormitório bicho não tem emprego o cara, a gente só vai lá para dormir mesmo e trabalhar no centro aqui de Recife e em cidades adjacentes cara ai eu acho que é falta de oportunidade não dá oportunidade pro jovem e outra que é aquela coisa né, coisa fechada bicho, fabrica pequenininha poucas pessoas trabalham eu acho que é isto. Todo domingo têm um pagode né, foi até o Helinho trabalhava no pagode daqui, pelada a lendária pelada a daqui é o de todo bairro têm um campinho. É basicamente isto é forro bicho, pagode, futebol e balé funk e eu acho que nada a mais do que isto.

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Os cinco eixos centrais do documentario são apresentados nos primeiros doze minutos do gênero adiovisual.

A zona habitade pelos colonizados não é complementar da zona habitade pelos colonos. Estas duas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: Não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os

caixotes do lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem sondadas. Os pés do colono nunca estão á mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante proximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de suacidade são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, e estrangeiros. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a mediana, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de que. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre o outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. (FANON, 2008, p.28-29).

O primeiro eixo se trata da diferenças de classes sociais, a realidade do centro cidade de Recife é o planejado, local bonito, iluminado, já em contrapartida em Camaragibe um local esquecido em cima do morro, sem assalto, tendo lama, casas improvisadas, crianças chorando á mãe de Hélio teve dez (10) filhos, ou seja, se trata de uma comunidade de famílias mal estruturadas e que sofre com a pobreza. Que segundo Fanon é uma zona habitada por colonizados, isto significa, por indivíduos que sofreram com a colonização, no caso do negro no Brasil usado como mão de obra escravizada, depois da abolição foi simplesmente descartados e jogados a margem do tipo de sociedade que estava sendo instalada (Trabalho Livre). A opção que restava para viver é esta a margem social.

Está agressividade sedimentada nos músculos, vai o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus. É o período em que os negros brigam entre si e os policiais, os juízes de: instrução exasperam-se ante a assombrosa criminalidade norte-africana. (FANON, 2008, p.39).

O segundo eixo cai no quesito assalto, os moradores de Camaragibe estão isolados no mundo de pobreza extrema, ao ponto que o assalto e roubo, se torna um dos meios de lutar pela sobrevivência, Garnizé aponta outro eixo “Cara eu acho que tem o direito de tirar a vida de ninguém”, o da violência como uma forma encontrada para se defender dos assaltos. Segundo Fanon a violência é uma das formas de extravazar, liberar a opressão que o próprio favelado vive, só que, a violência é liberada do oprimido para o oprimido, e é necessário, redirecionar esta força do oprimido para a luta contra o seu maior inimigo, que são a classe dominante que os oprimem.

Quanto mais o povo compreende, mais se torna vigilante, mais se torna consciente que definitivamente tudo depende dele e que sua salvação reside em sua coesão, no conhecimento de seus interesses, na identificação de seus inimigos. (FANON, 2008, p. 157).

O terceiro eixo outra visão de combate a violência e a conscientização pelo estudo escolar, e também pela arte, a resistência artística destacada por Garnizé como uma comunicação que expressa a realidade do negro nas comunidades, está mesma expressão que pode chegar nas rádios, fazer a crítica e desmontar o quarto eixo a concepção equivocada que

são transmitidas em veículos de informações, de o negro favelado vive em determinadas situações por que é vagabundo, não gosta de trabalhar, é um degenerado, mal caráter e sanguinário.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. [...] Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das fôrças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (FANON, 2008, p. 28).

Por fim, o quinto eixo a justiça, com a visão de cumprir a lei de contrato social, os fora da lei aqueles que cometem transgressão, devem pagar pelo seus atos, seja pagando uma fiança, ou até mesmo, ficar preso numa penitenciária como é o caso de Hélio Muniz. De acordo com Fanon, a sociedade é dividida em dois a classe dominante e a classe dominada. Sendo linha que divide a sociedade é justamente, os quartéis a justiça, que delimita regras, e que trabalham pro de numa classe que é a dominante, por isto que Fanon destaca, o uso da violência policial é uma maneira dissimulada de mostrar a opressão da dominação.

Contudo notamos, que o documentário pesquisado pelas características que o mesmo apresenta, pela não participação do cineasta nas imagens é uma atitude proposital do documentário de voz reflexiva, que de acordo com Nichols, para que o telespectador reflita sobre o fato histórico abordado, sobre as hipóteses apresentadas como é o caso do advogado que diz se as pessoas não sabem os seus direitos como recorrer as eles, Garnizé vai além diz que o problema que ocorreu naquela periferia está relacionado a pobreza social, Helinho aponta para a malandragem que creceu demais, o grupo encapusados dizem que matar um não adianta, por que dai uns dias têm três (03), quatro (04) no local.

CAPÍTULO II

O Negro após a Abolição de 1888

No final do século XIX e início do XX, surgiram discursões sobre questões de como contruir uma nação moderna e racialmente misturada, sobretudo, como ser um povo, sendo negro? Como inserir o negro ou ainda, haveria espaço para o negro na formação da nação? Quais as consequências? E as medidas a serem tomadas, para evoluir a nação que estava em atraso?

A solução, segundo Lilian Shwarcz (1993) para muitos intelectuais seria aplicar as teorias e doutrinas europeias à realidade brasileira, com isso, se encontraria solução para integrar o país a modernidade.

O Brasil no início século XX tinha acabado de sair do sistema escravocrata e adotado o trabalho livre e assalariado, alguns autores procuravam respostas para o possível fator de atraso da nação brasileira, alguns deles como Sílvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Francisco de Oliveira Viana e Edgar Roquete Pinto estavam embasados por teorias europeias de Darwinismo Social ou da Eugenia e do Racismo Científico.

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematizassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento” obliterando-se as ideias de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludente, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso. (SCHWARCZ, 1993, p. 18).

Segundo a autora, o darwinismo social é uma teoria que destaca diferenças de raças, ou seja, a humanidade não é apenas uma, existindo diferenças de raças, acredita-se que o homem branco evolue e aperfeiçoa-se, em contra ponto, a raça de homem negro é degenerado, corrompida que perdeu sua qualidade, ainda inclui-se outra teoria a de determinismo biológico que de acordo com Kabele Munanga (1999) se trata de estabelecer uma determinação de uma raça superior a outra “Eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra na degenerescência do mestiço”. (MUNANGA, p. 52, 1999)

De acordo com Munanga, Sílvio Romero salientava que o Brasil era uma mistura de das três raças (negra, indígena e branca), o cruzamento das raças levaria ao branqueamento do povo brasileiro em cerca de dois a três séculos, achava-se que a genética do branco seria superior e prevaleceria sobre outras raças mais fracas, outro pesquisador com ideias semelhante

de Romero foi Francisco Oliveira Viana embasado em dados de Roquete Pinto previa que de quatro a cinco gerações o branqueamento seria inevitável.

Segundo Munanga, Raimundo Nina Rodrigues, analisava o cruzamento entre as raças como algo extremamente prejudicial a sociedade brasileira, era cético ao pensamento de Romero de que o país se tornaria homogêneo etnicamente. Nina Rodrigues via a população mestiça como uma massa inaproveitável e degenerada. Para Rodrigues a única forma de livrar o Brasil deste tipo de população era a criação de leis que criminalizavam a mistura das raças, de acordo com Munanga esta medida não foi adotada, mas, se fosse poderia ocasionar um *apartheid* social.

Acreditamos, porém que, apesar de não ter havido um *apartheid* oficial, civil, cremos que segundo afirmação do professor Neilson Mendes proferida numa aula do Curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual de Goiás, no dia 26 de setembro de 2017, não foi preciso, como no caso do Estados Unidos ou da África do Sul, oficializar a segregação racial para que esta se tornasse uma realidade nacional, ainda que negada, ele defende a tese de que, somos uma sociedade, com *apartheid* social, ao contrário do que diz Munanga (2008).

O pesquisador e psiquiatra Italiano Cesare Lombroso influenciou autores brasileiros foi um médico criminal, trabalhava num presídio em Turim e mantinha forte relação com o militarismo, na obra “O Homem Delinquente” Lombroso (2013) buscou compreender a criminalidade por meio da psiquiatria, frenologia e fisiologia, durante um bom tempo ele observou os comportamentos dos detentos, principalmente dos negros, o qual Lombroso considerou que as pessoas de cor tinham uma pré-disposição a praticarem delitos. Razão pela qual, Nina Rodrigues (2011) defendia algum tipo de segregação para evitar a contaminação das raças superiores, embora a constituição de 1891 não tenha oficializado qualquer tipo de *apartheid*, a república viu surgir centenas de bolsões de pobreza regiões, como Camaragibe, onde a miséria e a violência são abundantes e acreditamos ser consequência desse processo de formação da República.

Retomando a tese de Lombroso (2013) com esta observação fundou a Antropologia Criminal e conseqüentemente estabeleceu diversos tipos de caracterização dos criminosos, analisavam quem tinham tatuagens e quem não tinham. Outra característica que fundamentava sua linha de pesquisa era a medicina legal que analisava características físicas e fisiologias, tamanho do crânio, cérebro, estrutura óssea e tamanho da mandíbula.

Estudo o qual destacava que pessoas com outro modelo de crânio diferente ao formato ocidental, sofriam de um mal genético e hereditário para uma delinquência incontrolável, naturalmente predisposto ao crime. Estes estudos não apenas apontam sobre a delinquência

como também sobre a genialidade “O Gênio e a Loucura 1874” explicaram a ideia de gênio por meio do estudo dos crâneos de Napoleão e Garibaldi.

A cura da delinquência segundo Lombroso era impossível, não havia remédios, por isto a morte era a melhor solução, caso ela não fosse possível de efetuar, a prisão era a única saída, no entanto, as consequências da prisão eram severas, pois, os negros portavam o mal da preguiça, não gostavam de trabalhar, além do, perigo demasiadamente alto de violência, pois os mesmos, eram inclinados para cometer transgressões. Esse raciocínio influenciou o brasileiro Nina Rodrigues(2011), mas não só ele, a elite brasileira compartilhou desse pensamento e, ainda hoje, o negro é visto como um sujeito perigoso, violento e incontrolável no imaginário racial brasileiro.

Notamos ainda que o cenário teórico do séculos XIX e XX, baseava-se principalmente nas ideologias raciais, o negro era visto como inferior, degenerado, predisposto a praticar crimes violentos e bárbaros. Segundo Florestan Fernandes (2008) as ideologias que manifestavam-se popularmente da seguinte maneira “ Negro não é gente”, “negro é falso”, “só louco confia em negro”, “vagabundo” “cachaceiro” e “mulher negra é à toa”.

Estas teorias segundo Celia Maria Marinho de Azevedo (2009) não foram criadas à toa. Elas eram uma tentativa de construir uma saída para o país resolver a questão acerca da presença da “raça” negra no Brasil. A questão era, como fazer a transição do trabalho escravizado para o trabalho livre e o que fazer dos libertos? No campo teórico as soluções foram quase sempre as piores possíveis, sempre fundadas no Racismo Científico ou na Eugenia, desejando a desaparecimento do negro, quer num processo de branqueamento conforme defendia Silvio Romero (1975) ou no caso de João Batista de Lacerda (1911) que em razão precariedade em que foram deixados os negros tenderiam a desaparecer e os que ficassem seriam transformados pelo processo de miscigenação, em que predominaria as características das raças superiores.

As ideias dos autores supracitados estavam em consonância com o debate político no Parlamento Imperial, onde se discutia na segunda metade do século XIX, o processo abolicionista, junto com esse debate havia também, a questão, o que fazer com o negro? Mesmo deputados que defendiam o fim do sistema escravocrata, eram adeptos do racismo científico, ou acreditavam ainda, conforme Joseli Mendonça (1999) que a escravidão os teria deformado e os tornado inaptos para o trabalho assalariado. Isto significa que, não haveria espaço para essa “raça inferior” no Brasil que se pretendia modernizar.

Como enfrentar o peso da “onda negra”? na ocasião o negro compunha um terço da população, a solução acabou sendo “deitá-los fora” sem integrá-los ao novo sistema de trabalho.

Substituí-los por imigrantes europeus, os quais, ao contrário dos primeiros, tinham aptidão para a liberdade e o trabalho por recompensa.

Resolviam assim dois inconvenientes, o primeiro seria livrar-se do negro no modo de produção capitalista e segundo, povoaria o território de europeus, os quais superariam o número de negros, com isso promoviam o branqueamento da nação e ajudaria a livrar o Brasil do atraso.

2.1 A Condição de Vida do Negro Pós- Abolição.

Segundo Florestan Fernandes (2008) o negro foi duplamente escravizado antes da abolição e, após a abolição não receberam nenhuma indenização e por que foram deixados sem qualquer ajuda para viverem como livres. Ao contrário, o coletivo negro não foi incorporado na sociedade, muito pelo contrário, foi segregado socialmente, marginalizado. Depois da abolição de acordo com o autor, o negro não teve direito de escolher o seu destino, os imigrantes estavam no projeto de trabalhar nos antigos serviços dos escravizados, lógico, com remuneração estabelecida e algumas outras condições, se o negro quisesse permanecer na fazenda iria ganhar um salário inferior ao do imigrante, iria correr o risco de ser forçado a trabalhar mais e ganhar menos, muitos libertos preferiram sair da área rural e ir em direção aos centros urbanos.

Segundo Fernandes, quando os libertos chegaram nos centros urbanos sofreram com a segregação racial, pois eram considerados como indivíduos de má fama e ainda competiam com os imigrantes brancos que conquistaram os melhores empregos e também os locais apropriados para residir. O negro sem trabalho, sem condições para viver, sem meios de produção e sem terras foi pressionado a ocupar áreas inapropriadas para morar, como encostas de morros.

Durante o período pós-escravidão, nas principais cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e Fortaleza, as saídas encontradas pelos descendentes de escravos e pelas pessoas de baixa renda foi a moradia em favelas, levantamentos de autoconstruções e a ocupação de espaços tidos como cortiços que, segundo Valladares (1998, p.07) eram “considerado [...] como o lócus da pobreza, espaço onde residiam trabalhadores e se concentravam, em grande número vadios e malandros, a chamada ‘classe perigosa’”. (AZEVEDO, 2016, p. 149-150).

De acordo com Azevedo depois da abolição os libertos que conseguiram emprego, ganhando salários baixos, ocuparam os casarões que ficavam no centro urbano, eram construções feitas no século XV para uma única família morar, eram casas grandes e luxuosas para aquele contexto histórico, que no século XX estavam em péssimo estado de conservação, mas, eram concedida a habitação por meio de um aluguel de valores irrisórios. Eram locais extremamente inapropriado para morar-se, uma vez que aglomeravam muitas pessoas, os

cômodos da casa eram divididos para muitas famílias habitarem, por esta razão recebeu o nome de cortiços, pois suas características estavam em estado de mal ventilação, sem saneamento, água limpa, esgoto precário, quando se tinha banheiros eram repartilhados por todos do cortiço.

Para os libertos que não tinham empregos restavam ir para a margem da cidade, locais periféricos na encosta de morros, onde não construíam-se casas, improvisavam-se casabres de matérias perecíveis como ripas e madeiras finas, eram amontoados de casebres com apenas um cômodo e todos colados uns ao outros, sem nenhum planejamento, de acordo com Fernandes (2008), as crianças chegavam a ver relações sexuais dos responsáveis, ou até mesmo dos vizinhos.

Segundo Fernandes (2008), as moças negras iniciavam a vida sexual muito cedo, então logo se tornavam jovens mães, muitas ficavam solteiras, quando o companheiro descobria que iria ser pai fugiam deste compromisso, ou até, permaneciam na localidade, mas não ajudavam. As jovens mães seguiam em frente, amaziavam-se com outros homens, procurava emprego como cuidadora de lar, lavadeira, babá ou cozinheira, seus filhos não iam a escola, ficavam sozinhos em casa, vulneráveis a a violência, tais como estupro, iniciação a roubos etc.

A crônica sobre a alforria do Dom Pancrácio aparece no texto de Gledson para reforçar o argumento de que Machado percebia a abolição da escravidão como uma questão muito relativa, pois o que estaria ocorrendo era simplesmente a passagem de um tipo de relacionamento social e econômico injusto e opressivo para outro. (CHALHOUB, 1990, p. 97).

De acordo com Chalhoub (1990), o povo escravizado na libertação, não foi libertado, ele acabou saindo de um sistema injusto para outro também injusto por que o negro não tinha condições de competir com os imigrantes brancos por que as condições de vida e as relações sociais o violentavam, segundo Azevedo “Por meio da caracterização do cortiço, pode-se fazer uma associação entre cortiço e senzalas. Posto que os dois apresentam muitas características em comum”(2016), para o autor, o negro apenas trocou de endereço o estilo de vida era precário e inóspito, justamente, para que a teoria de darwinismo social se concretizasse na sociedade brasileira, oprimiam-se os ex escravizados para que os mesmos sucumbissem na miséria, ou que, segundo Fernandes(2008) os libertos por divergências sociais brigassem entre si.

Os cortiços de acordo, Fernandes(2008), foi o palco de violências, a estrutura social era de opressão e por consequência praticavam violência seja verbal, sexual as vezes esses abusos poderiam ser incertuosas de irmãos, primos, tios, pais ou de colegas de trabalho, e também a violência física os assassinatos eram fatos sociais, e as causas para estes poderia ser

variadas desde, um assalto, ingresso do jovem a grupo de crime, à traição, divergências de pensamento e vingança.

CAPÍTULO III

A Segregação Racial em Camaragibe-PN/ 1990-2000.

O documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas”, aborda o tema da violência urbana em Camaragibe-PN nos meados da década de 1990 e início dos anos 2000, os cineastas Paulo Caldas e Marcelo Luna buscaram analisar a violência urbana relacionando com questão racial da cidade metropolitana de Recife, para tanto, foi abordado a colocação de Camaragibe no rank Mundial como o 4º lugar pior no mundo para se viver, Luna e Caldas expõe a condição de vida dos residentes de Camaragibe e sobre o sonho destes, para uma sociedade melhor, sem opressão e exploração.

Nildo Viana (2002), define o conceito de violência como algo caracterizado pela imposição de um indivíduo ou grupo social sobre o outro, é uma relação social de autoridade contra a vontade de indivíduos que sofrem com a imposição. Vale ressaltar que a violência também pode ocorrer também de indivíduos que pertencem a mesma classe social.

A violência, porém, se expressa e se exerce de formas variadas: física, simbólica, social, política, institucional, e em se tratando da violência física de um indivíduo contra o outro, em geral, ela é mais recorrente em regiões periféricas, onde a carência e a miséria são intensas e cotidiana.

Viana (2002) estabelece uma ruptura de acordo com os dados empíricos sobre definição de cidade, muitos intelectuais consideram cidade como espaço, mas o espaço, é apenas uma caracterização de tentativa de entender o que é cidade por meio do imaginário. Espaço físico se torna mais concreto, por que viabiliza identificar as transformações do meio ambiente da natureza para adaptação do meio para a convivência dos indivíduos. Ou seja, cidade é a relação do meio ambiente natural com o homem, caracterizando o meio ambiente social.

Sobre violência urbana não apenas a violência que ocorre na cidade. É sim a forma como a cidade se estrutura que possibilita um espaço gerador de violência social. Para entender isto, é preciso compreender como uma cidade se estrutura existem bairros/setores (industrial, comercial e etc.) todos estes são concretizados por meio da relação de socialização e divisão do trabalho, e quem é dono dos meios de produção é também possuidor dos setores residenciais mais planejados, quem não é dono dos meios de produção mais vende sua força trabalho, muitas vezes não tem nenhuma condição de morar nos mesmo setores dos empresários, por isto são levados a residem a margem da cidade.

As favelas, os cortiços, a falta de infraestrutura, são outros aspectos dos problemas urbanos geradores de conflitos e violências. Este processo reforça a divisão social do espaço urbano e cria o processo de segregação espacial (Meyer, 1979, Corrêa, 1995, Lojkine, 1981), no qual o proletariado e o lumpemproletariado são marginalizados no espaço. Tanto o proletariado quanto o lumpemproletariado são transformados em moradores das periferias, favelas, cortiços e “invasões”, o que torna ainda mais problemática. [...] A violência se instala na cidade devido à luta pela moradia e por aspectos derivados de condições precárias de vida e habitação, tais como moradias muito próximas, que geram animosidade, principalmente tendo-se em vista a falta de infraestrutura básica água, esgoto, rede elétrica e etc. (VIANA, 2002, p.37-38).

De acordo com o autor, os proletariados que são os indivíduos que vendem sua força de trabalho, e os lumpemproletariados que não têm empregos acabam residindo no mesmo ambiente físico, as favelas e periferias, são locais mal estruturados tendo falta de saneamento básico, casas mal planejadas sem espaço, muito próximas umas das outras, as relações sócias são amistosas. Ou seja, estes aspectos urbanos problemáticos propiciam violência social.

A cidade, cenário do filme que fundamenta esta pesquisa, se enquadra nos aspectos apresentados por esse autor, primeiro por que existe uma divisão de espaços área do cento e área da Aldeia, segundo devido a própria localização de Camaragibe que é considerada, uma região metropolitana de Recife – PE. Sobre a divisão de espaços:

A população distribuía-se em duas áreas principais: o centro, onde habitava a maior parte dos residentes, e a área de Aldeia, caracterizada pela presença marcante de chácaras, granjas e condomínios fechados de grande porte, habitados por população de renda mais alta, em contraste com a maioria dos que moram no centro e nos bairros de seu entorno. (FIOCRUZ, p, 01).

Camaragibe é dividida em duas áreas uma chamada de Centro, onde se concentra a maior parte da população, é uma região ocupada por proletariados e lumpemproletariados, tendo divisões de bairros citados por Mano Brown e integrantes da banda MC's Racionais:

— É por que os caras falou, que 3º ano consecutivos que é o lugar mais violento do mundo em números de homicídios né, lá Jardim Ângela, Parque Santo Antônio, Capão Redondo, né é isto ai. Os integrantes da banda respondem: —É tudo Zona Sul. Mano Brown: — Tudo Zona Sul e tudo um do lado do outro que vê? (Ele levanta-se, vira e ergue o braço e aponta o local) Aqui é o Ângelo aqui naquela casa branca, ali é o Capão, lá encima naquela azul já é o São Luís, lá nas arvores lá na casa lá encima já é o Parque Santo Antônio. É assim um do lado do outro. Outro integrante diz: —Aqui também né aponta o Alto Brasil, Alto Pascoal, Teresinha tudo colado um grudado no outro. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

A outra parte de Camaragibe é a região intitulada como Aldeia, uma região de condomínios fechados como o nome sugere é um território físico fechados para alguns indivíduos, mas, aberto para outros que possuem bens financeiros, as construções são de alto

luxo, tendo pousadas planejadas estruturalmente para descanso e férias para aqueles que possam pagar pelo serviço e conforto.

O outro fator é que Camaragibe é uma cidade metropolitana de Recife, isto significa que os indivíduos que moravam em Camaragibe se dirigiam para Recife, alguns personagens no documentário exemplificam que a mesma é uma cidade dormitório, ou seja, que os indivíduos estão ali de “passagem” descansam e retornam para a cidade centro.

Segundo Garnizé, personagem do documentário, em 1998 Camaragibe foi considerada o quarto pior local no mundo para se viver, esta, posição é estabelecida por vários critérios como nível de educação da população, renda per capita, saúde, saneamento básico, e principalmente os índices de mortalidade, se é de causa natural, ou intencional por homicídios.

De acordo com Laura Jullyana Noia Bezerra (2009), a Organização das Nações Unidas avaliam que o número de homicídios de dez (10) mortes numa população de cem (100) mil habitantes é um indicativo de uma condição epidêmica, ou seja, há um descontrole de simultaneidade de mortes, é um surto social, que segundo Júnior (2010), em Camaragibe este número foi além de um surto, é uma situação de catastrófica são de trinta e quatro vírgula nove (34,9) por cem mil habitantes, um integrante da Banda MC Racionais no documentário disse que a população sofre com uma guerra de derramamento de sangue.

O período crítico engloba os anos de 1994 a 1998. O estado apresenta uma “explosão” no índice de homicídios por 100 mil habitantes. As taxas saltam de 34,9 para 58,9 entre 1994 e 1998, quase dobrando. (JÚNIOR, p. 60, 2010).

A Violência homicida entre 1994-1998 saltou, de acordo José Maria Nóbrega Júnior, de 34,9 para 58,9 é um número elevado de mortes, caracterizado pelo o autor como uma explosão, uma catástrofe social de grande impacto.

Relação de faixa etária de números de homicídios entre 1990-2000.

Colocação	15-19 anos	20-29 anos	30-39 anos
1º	146%		
2º		50%	
3º			12%

Fonte: Nóbrega Júnior (2010).

O número por armas de fogo segundo dados do FIOCRUZ em 1980-1990 teve um crescimento de 117% de mortes por armas de fogo. Segundo Júnior, cerca de 80% de

homens entre vinte a vinte nove (29) anos foram assassinatos por armas de fogo, e a relação deste número de óbitos com a cor de pele é de 75%. Isto é, $\frac{3}{4}$ das vítimas são negras.

De acordo com Eduardo Trindade, advogado depoente no documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas”:

Nossa constituição diz que todo são iguais perante a lei independente de sexo, raça, cor e etc. É verdade que o nosso país é um país grande e rico, mas, é infelizmente nem sempre os recursos são bem aproveitados por conta disto agente tem problema social grande, a gente vê pobreza, a gente vê favela, acredito que 80 à 90% da nossa população é de uma classe menos favorecida, e que por conta disto por si só pela falta de acesso a informação, já tem também uma falta de acesso à justiça. Por que se a pessoa não tem conhecimento dos seus direitos, como vai procurar? Procurar uma coisa que não sabe que tem. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

A educação é outro fator relacionado a violência e o auto índice de homicídios, isto por que, segundo Nobrega Júnior (2010), os indivíduos que frequentaram o ensino fundamental são de 77% da população, já os que possuíam cerca de onze anos de estudo era de apenas 3% da população. De acordo com Nobrega Júnior (2010), os indivíduos com oito a nove anos de estudos há uma estabilidade nesse grupo de vítimas de violência intencional que é de sessenta e sete por cento vítimas (67%), já os que possuíam de quatro a sete anos de estudo é os que foram mais vitimados, os números chegam a 287% de mortes. No documentário revelou a discrepância de faixa etária de alunos numa única sala, a escola e sua infraestrutura precária.

Segundo dados do instituto FIOCRUZ, 68% dos indivíduos ainda usavam fossas rudimentar, 5% decorriam o esgoto em rios e mar, e apenas 16% tinham ligação de saneamento básico. Por estes dados percebemos a precariedade, a pobreza em que dos residentes da região Centro de Camaragibe passavam.

Estas informações apresentadas até aqui, fornecem uma dimensão do que é Camaragibe, muitos poderiam e diz ser uma cidade, mas, uma cidade vai além de espaço físico é também relações sócias, Garnizé a define como:

Póh bicho aparentemente a gente pensa que Camaragibe é uma cidade pacata do caralho e é aquela coisa, né? feito a gente pode comprovar a gente chega lá e vê a população nos bancos é assim lá bicho. É uma cidade dormitório bicho não tem emprego. Oh cara, a gente só vai lá para dormir mesmo e trabalhar no centro aqui de Recife e em cidades adjacentes. Cara ai eu acho que é falta de oportunidade não dá oportunidade pro jovem e outra que é aquela coisa né, coisa fechada bicho, fábrica pequenininha poucas pessoas trabalham eu acho que é isto. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas.

Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

Garnizé toca num ponto crucial, ele considera a cidade como pacata, no sentido, de que é uma cidade que não contém emprego, indústrias e comércio para alocar os camaragibenhos, os indivíduos são impulsionados a saírem da cidade todos os dias e irem trabalhar em Recife, ao final do expediente voltam para a cidade dormitório. Nildo Viana (2002) chama esta situação da estruturação da cidade como geradora de violência, Recife cresceu, industrializou-se, com isto fragmentou espaços, indivíduos que não tiveram condições financeiras foram empurrados para outra área fora de Recife, a região nomeada como Camaragibe território de relevos inapropriada para construções, aos menos favorecidos restaram esta opção, para viverem com suas pobreza, longe e fora do alcance dos olhos do que não se queria para Recife.

Muitos autores ao perceberem a dimensão destes indivíduos que residem em localidades afastadas dos grandes centros tomam o termo exclusão social na tentativa de explicar a situação, Nildo Viana (2009) considera o termo como fictício por que ninguém está totalmente excluído de uma sociedade por isto o termo é considerado ideológico, pois não explica a concretude do fenômeno social e por isto não indica as razões e intenções subentendidas, visto que, Viana aborda o termo lumpemproletariado que constitui um exército de trabalhadores em reserva, que querem vender sua força de trabalho , porém, não encontra quem possa pagar por ela.

O processo de lumpemproletarização no Brasil e nos países capitalistas subordinados, em geral, é mais grave. Um dos motivos reside no fato de que tais países já possuem um alto índice de lumpemproletarização, que deve ao processo específico de constituição do capitalismo subordinado. (VIANA, p. 256, 2009).

Viana(2009), aponta que um dos elementos do processo do lumpemproletariado no Brasil é a concentração fundiária nas mãos de poucos, e com a abolição e a criação das Leis de Terras que inviabilizava a posse de terras no país por meio de concessão do governo, isto por si só restringe os trabalhadores de terem terrenos, bem como, aumenta o número de pessoas sem nada para viver, apenas a força do trabalho para vender, mas a imigração também veda a possibilidade de venda de força do trabalho , formando um exército reserva.

Camaragibe se enquadra na situação descrita, uma cidade sem empregos, não tem emprego como na cidade vizinha Recife, Garnizé diz, as pessoas vão para frente de suas casas criam bancos que significava bancadas de vendas, na tentativa de obter dinheiro e consequentemente se manter. De acordo com FIOCRUZ em 1980 o número de desempregados no Brasil era de seis milhões e em 1999-2000 subiu para dezessete milhões.

Os indivíduos em Camaragibe lidavam com tudo isto, desemprego, educação ruim, família com baixíssima escolaridade, segundo dados do FIOCRUZ, a maioria da população era do sexo feminino com 51,4% , muitas jovens se tornavam mães precocemente, as mães quem gerenciavam os lares sem a ajuda dos parceiros, ou seja, pais dos seus filhos, elas trabalhavam fora, no contexto histórico estudado 50% da população era constituída por jovens, que não tinham muitas possibilidades de mudar de vida, superar a exploração, o jovem sem educação adequada, moradia precária, sem saneamento, vivendo com um renda abaixo do mínimo necessário para sobreviver.

E um cenário propício para emergir a violência, o aparecimento de quadrilhas, crime organizado, assaltos e roubos, Helinho viveu nesse ambiente, ele nasceu num clima extremamente difícil, oriundo de uma família grande da classe proletária. De acordo com o documentario e o site TERRA de notícias, mostra que o protagonista do documentário foi uma das vítimas do sistema capitalista que tem como princípio a super exploração e marginalização. “Esta agressividade sedimentada; nos músculos, faz o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus”(FANON, 1997) a agressividade do negro segundo Fanon é um indicador de uma violência sofrida que os fazem que os negos brigem entre si.

Diante disto, a maioria, 75% dos vitimados e praticantes de violência em Camaragibe eram negros, havia assim, uma dizimação catastrófica de negro contra negro, Wilson integrante da banda MC’s Racionais exemplificou ao dizer que os fatos de homicídios e violência se tratavam de uma guerra de negro contra negro.

Mas que tipo de violência é essa? Quando Fanon escreveu sobre este assunto ele falava sobre os escravizados na colônia, para que compreenda a violência que ocorre nas cidades é preciso entender as raízes das sociedade brasileira, Florestan Fernandes (2008) mostra que o negro após a abolição foi abandonado, que recebeu de herança da servidão sofrida a ignorância, a miséria e a degradação social estas três palavras mostram o tipo de violência que os negros que residem nas favelas sofreram no passado e sofrem no presente.

Fernandes (2008), usa até o termo “abolição mal acabada” que sugere a ideia de a libertação não permitiu a liberdade completa dos ex escravizados, liberdade que atualmente os negros não exercem plenamente também, interagir socialmente como a autor aponta é ter meios de subsídios econômicos, uma vez que vivemos numa sociedade capitalista. Como ter subsídios se a herença herdada são ignorancia, miséria e a degradação social?

Alguns indivíduos segundo Fernandes(2008), ingressaram na prostituição, na criminalidade, nos vícios e outros cometem roubos, Hélinho tomou como ponto de partida eliminar os indivíduos que praticavam roubos, traficantes e assassinos eram identificados por

ele como “alma sebosa” . O rap da Banda Faces do Subúrbio esclarece o que é uma alma sebosa.

Alma sebosa
 Preste atenção alma sebosa vacilão,
 Vamos falar a verdade, você escutando ou não,
 Por que é tanto alma sebosa não aguentamos mais,
 Que é nosso amigo na frente, mas, inimigo por trás,
 Não se contentam em apenas não ajudar
 Tentam de qualquer maneira nos prejudicar.
 [...]E se um arrependimento premetidado pois o seu comportamento não tem bom resultado.
 Alma sebosa não transmite esta energia pra ninguém,
 Pois sua conduta não é pura não traz o bem,
 Desconsidera em si o próprio irmão,
 Em lugar da paz você só trás confusão,
 Não se garante na parada,
 E aida conta vantagem,
 Engana Deus e o mundo na maior furelagem,
 Chega na reia é visto como um alienado mentiroso, cabuloso e também cabra safado.
 [...]
 FACES DO SUBÚRBIO. Alma Sebosa. MZA Music. 2000.

Alma sebosa, segundo os depoimentos do documentário e como bem ilustrado a letra da música, é o indivíduo que pratica desavensas sociais, buscavam sobreviver tirando dos outros o que não é seu, causando sofrimento, outro elemento apontado na música é que a “alma sebosa” desconsidera o irmão, quem seria irmão na letra da música? É justamente, o indivíduo que pertence da mesma classe social, portando semelhanças também nas características físicas como a cor da pele negra, à “alma sebosa” é alguém de convívio social, que pertence ao grupo explorado. Visto que, há uma relação entre entre o grupo oprimido com a questão racial.

A Segregação que separa, que corta, segundo Fernandes (2008) que impede que a classe explorada, oprimida, com a liberdade comprometida pela escassez, carece, porém de uma liberdade que vai além de comprar, adquirir bens e dinheiro. Há outros limites para superar, romper a ignorância, entender o embate de classes, a lógica que os mantém integrados a um ciclo de miséria. A partir disso buscar mundaças na sociedade de classes.

Hélinho promoveu no contexto de fins do anos 1990 uma tentativa de eliminar indivíduos (almas sebosas) que são vítimas de um sistema mal resolvido no passado, eliminar as “almas sebosas” não é uma atitude apropriada para solucionar os problemas sociais de Camaragibe ou até em outras cidades com os grupos de extermínios. Estes problemas sociais possuem uma história de jogo de intenções, ideias falsas que precisam ser rompidas e a violência não é a solução, pelo contrário promove mais opressão.

Olha se a gente morrer nasce outros, o problema e este, nunca se acaba, a mesma coisa é você, você mata uma alma sebosa, amanhã tem dois, três no mesmo lugar, sempre tem. É uma batalha grande. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas.

Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

De acordo com o depoimento do grupo de encapuzados no documentário, matar uma “alma sebosas” era uma atitude quase que inacabável, por que se mata uma, mas no dia seguinte se tem três, quatro no lugar daquela que foi despachada, a população que viviam com medo, devido, a opressão que sofriam em seu cotidiano, apoiavam quando algumas “almas sebosas” eram despachadas, de tal sorte que Helinho ganhou a simpatia de muitos moradores, inclusive era considerado pela população como um príncipe, aquele que fazia bem-feitorias, em seu modo pensar Helinho acreditava fazer justiça, ocupando um lugar que deveria ser do Estado prover segurança pública. Em vista disso, o problema à causa, não eram dos moradores que viviam em Camaragibe, mas, no sistema social mal planejado intencionalmente.

Para Fanon (2008), a consciência da condição de explorados, marginalizados pode ser o ponto de partida da mudança, pois essa conscientização pode uni-los em prol de uma nova configuração da sociedade. Um integrante do grupo de encapuzados sonha com o mundo como a música “*Imagine*” de Jonh Lennon, que desafia o ser humano de pensar e imaginar um mundo melhor sem posses concentrada nas mãos de poucos, ganância e fome, um mundo onde os homens são uma irmandade que sugere a harmonia e o partilhamento sem nenhum motivo para se matar ou morrer, é este tipo de mundo social que o depoente do documentário sonha para todos.

Hélinho personagem do documentário encontrou motivo para matar as “almas sebosas”, mas, o que ele e muitos indivíduos atualmente não conseguem compreender e refletir que a violência foi arquitetada para uma classe social a lumpemproletariada, a uma raça específica que alguns intelectuais julgavam ser inferior a fim de obstar a integração do negro na sociedade, o resultado intencionado pela classe dominante era que o negro desaparece.

Hélinho pertencia a esta classe social, era negro e não compreendia todo este jogo de intenção, buscou obter na comunidade que residia paz e segurança por que se matassem o ladrão, o assaltante os camarigibenhos teriam liberdade de ir e vir em segurança. A forma de luta de Hélinho era equivocada, os exploradores daquela população não eram os “almas sebosas”, mas, uma classe dominante que possuíam os meios de produção e exploram, oprimiam e segregavam os que não detinham destes meios.

É por isto, que no início do documentário há uma cena de um homem negro, rastejando, representando a decadência o sucumbir dos negros em Camaragibe no final dos anos 1990, a luta mal focada, realidade social mal interpretada, existia na cidade um programa de Rádio que tinha como nome “Cardinó, quem não crítica rasteja”, mas, somente quem compreende sua

condição social, consegue fazer uma crítica ao modelo social e buscar mudanças melhorias. Aqueles que não criticam rastejam, sofrem e sucumbem na sociedade.

Considerações Finais.

Portanto, estudar sobre o tema “O Documentário O Rap do Pequeno Príncipe Contra As Almas Sebosas: Violência Urbana Reflexo Exploratório conta o Negro em Camaragibe-PE”, foi esclarecer no sentido, de compreender sobre o gênero audio-visual documentário como asserções, ou seja, interpretações de um fato social que no caso da fonte, se tratava da violência urbana que ocorreu em Camaragibe.

Dada a importância em compreender a violência urbana e qual a relação da mesma com a segregação racial, neste sentido compreender as intenções por trás do surgimento de periferias e cidades metrópoles, de que violência tem classe social e sobretudo cor. É uma interpretação de profundidade, e não superficial como as manchetes de jornais que colocam o negro como delinquente, mafioso, mal caráter e sem moral.

Analisar que a cidade de Camaragibe não surgiu, por acaso, ela é uma “apêndice” de Recife, esta divisão, fragmentação de centro industrial e outros setores, geram violência, por que aqueles que não tem condições para comprarem e se manterem em Recife, são expelidos para outro espaço no caso em questão Camaragibe região de relevos, morros que são inapropriadas para construções habitacionais, mesmo não sendo apropriado, existem vários bairros no centro da cidade.

Diante disto consideramos sobre quem eram os indivíduos sofriam com a precariedade social, mais também com a violência eram negros os dados informam que a maioria dos vitimados de homicídios ocorridos na cidade se tratava de indivíduos de cor de pele negra jovens entre quinze e dezenove anos, percebemos que estes dados indicam que a violência tem classe social os miseráveis, mas também tem cor, a raça negra. Relacionarmos e a violência ocorrida em Camaragibe é um reflexo de uma “abolição mal acabada” que libertou o negro da senzala, porém, a exploração permaneceu de outra forma deixando-o a margem na sociedade brasileira.

Por isto, que o mecanismo de defesa adotado por Helinho de despachar as almas sebosas, não lograva êxito, não é matando as vítimas do sistema que se obteria liberdade, o problema é complexo, é preciso primeiramente libertar as mentes carregadas de preconceitos, compreender a condição de vida do negro no passado, buscar no presente mudanças sociais, para um futuro melhor, como o integrante do grupo encapuzado exemplificou com a música de John Lennon, um mundo sem motivos para se matar, sem concentração de bens nas mãos de poucos, sem fome, dor e choro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Uly Castro de. *Das Senzalas as Favelas: Por Onde Anda a População Negra no Brasil*. Socializando. 2016. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf Acesso Realizado em: Outubro de 2018.

BARROSO, MARIA ALICE. *PARA UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL*. — RIO DE JANEIRO: BIBLIOTECA NACIONAL, 1988.

Bezerra, Laura Jullyana Noia. *A Evolução da Violência Homicida no Nordeste Brasileiro e no Estado de Pernambuco: Fatores Socioeconômicos que mais se Relacionam com as Altas Taxas de Homicídios*. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/ervcoccss/y_3a2012_3ai_3a2012-07_3a24.htm . Acesso realizado em: Setembro 2017.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade : uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Fanon, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Editora Civilização Brasileira. —Rio de Janeiro, 1997.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008, v. 1.

JÚNIOR. José Maria Pereira da Nóbrega. **Homicídios em Pernambuco: Dinâmica e Relações de Causalidade**. Disponível em:

http://justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/estudos/sjcvolume3/homicidios_pe_dinamica_relacoes_casualidade.pdf

Acesso Realizado em: Setembro de 2017.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente 1885-1909*. Tradução Sebastião José Roque. — São Paulo: Ícone, 2013.

MELO, Cristina Teixeira Vieira. *O Documentário como Gênero Audiovisual*. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/24168-101833-1-PB%20(4).pdf. Acesso realizado em setembro 2017.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Entre a mão e os anéis. A lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. *Abolição No Brasil: A Construção Da Liberdade*. Revista HISTEDBR On-line. - Campinas.2009. Disponível em:

HTTP://WWW.HISTEDBR.FE.UNICAMP.BR/REVISTA/EDICOES/36/ART07_36.PDF Acesso

realizado em: setembro/2017.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil; identidade nacional versus identidade negra.* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário/Bill Nichols*, tradução Monica Saddy Martins-Campinas, SP: Papirus, 2005. - (Coleção Campo Imagético).

NILDO, Viana. *O Capitalismo na era da acumulação integral.* –Aparecida São Paulo: Editora Santuário, 2009.

ORICCHIO, Luiz Zanin: **O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas Documenta Violência Urbana.** Agência Estado Terra. Online. 31 de Ago. 2000. Disponível em: <https://www.terra.com.br/cinema/drama/rap.htm> .Acesso Realizado em: Setembro de 2018.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O Que É Mesmo Documentário?* São Paulo: SENAC, 2008.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

SCHWAARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.* – São Paulo Companhia das Letras, 1993.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem: Análise e Assimilação/ Nildo Viana;* Porto Alegre. RS: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. *Violência Urbana: A Cidade como Espaço Gerador de Violência.* - Goiânia Goiás editora Germinal 2002.

Filmografia:

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).